

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**CAROLINE ALVES PEREIRA**

**ENTRE REZAS E PRÁTICAS DE CURAS: A PRESENÇA DAS BENZEDEIRAS NO  
EXTREMO SUL CATARINENSE**

**CRICIÚMA**

**2016**

**CAROLINE ALVES PEREIRA**

**ENTRE REZAS E PRÁTICAS DE CURAS: A PRESENÇA DAS BENZEDEIRAS NO  
EXTREMO SUL CATARINENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador (a): Prof. (a) Me. Michele Gonçalves Cardoso.

**CRICIUMA**

**2016**

**CAROLINE ALVES PEERIRA**

**ENTRE REZAS E PRÁTICAS DE CURAS: A PRESENÇA DAS BENZEDEIRAS NO  
EXTREMO SUL CATARINENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Patrimônio Cultural, Cultura Material e Memórias.

Criciúma, 30 de novembro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Me. Michele Gonçalves Cardoso - (UNESC) – Orientadora

Prof. Dra. Marli de Costa Oliveira - (UNESC)

Prof. Me. Michelle Maria Stakonski Cechinel - (UNESC)

**Dedico esse trabalho para a professora e orientadora Michele Gonçalves Cardoso, pelo apoio, incentivo e sugestões ao longo do desenvolvimento desse trabalho, e principalmente pela confiança no meu potencial para desenvolver o mesmo. Aos demais professores (as) do curso de História da UNESC, que de alguma forma contribuíram com suas sugestões e referenciais teóricos. A todos os colegas da faculdade que pararam para ouvir minhas histórias de benzedeadas. A minha família que sempre me incentivou nos estudos, e claro, a todas das benzedeadas que me deram à honra de conhecer e registrar suas práticas de benzimentos.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a professora e mestre em História Michele Gonçalves Cardoso, por todo o incentivo pela realização desse trabalho. Agradeço as suas sugestões, ao seu apoio e a sua paciência. Agradeço a todos os professores que durante os anos da graduação contribuíram para a nossa formação. Agradeço à amiga e colega de classe Elaine Rodrigues, por me acompanhar durante toda a faculdade, pela amizade que construímos, por confiar em mim, e principalmente por dividir comigo os seus momentos de angústia, tristeza e felicidade. Muito obrigada por compartilhar comigo esses momentos, bem como a escolha do seu TCC, e até mesmo por contar comigo para os seus ensaios para apresentações em eventos. Por me enviar seus textos para que eu desse a minha opinião.

Agradeço ao Lucas Bieger por toda a paciência comigo, com o meu jeito, pelas horas de desabafos e abraços. Obrigada por confiar na nossa amizade.

Agradeço-te pelo ombro amigo em todos os momentos que eu precisei durante esses anos na faculdade. Obrigada por me ouvir falar sobre benzedeadas e espiritualidade todos os dias. E me acompanhar nos eventos de Patrimônio mesmo que não te interessasse muito.

Agradeço a Ângela Martins pela amizade que construímos. Agradeço-te por ouvir minha história de vida, angústias e desabafos, pelos conselhos, por ter se dedicado a me acompanhar em uma entrevista para o meu TCC. Admiro-te.

Ao Rodrigo Margotti pela amizade, por ter confiado na minha amizade para desabafar sobre suas dificuldades, sobre a sua vida, agradeço pelas risadas, pelas noites que dormi em sua casa, sou muito grata por te ajudar em todos os sentidos da sua vida. Obrigada, por tudo. E vamos comemorar muitos outros Réveillons juntos.

Aos demais colegas da faculdade obrigada por cada momento que passamos juntos.

Agradeço a minha mãe por sempre acreditar na minha capacidade, sempre me incentivar a conquistar meus objetivos, agradeço por desde muito nova me mostrar o caminho da educação, e de lutar por meus sonhos.

Ao meu padrasto pelas conversas e desabafos, te agradeço pelas idas e vindas até as casas das benzedeiros, por ter acompanhado de perto todo o processo desse trabalho.

E ao meu pequeno irmão de nove anos, que um dia poderá ler esse trabalho e entender mais sobre o que a sua irmã escreve e pesquisa. Agradeço a todas as benzedeiros que contribuíram para a realização desse trabalho, agradeço pelas conversas, e também pela confiança no meu trabalho. Agradeço pela oportunidade de ter tido esse contato com vocês.

A todos vocês o meu: muito obrigada!

**“Corre gira Pai Ogum! Filho quer se defumar, Umbanda tem fundamento, é preciso preparar. Com incenso e benjoim. Alecrim e alfazema. Vamos defumar filho de fé, com as ervas da Jurema. ”**

**Ponto de Umbanda, defumação Ogum.**

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo dar visibilidade a presença de benzedeadas no extremo sul catarinense visando conhecer suas práticas, rezas e as enfermidades mais recorrentes por elas tratadas. Buscamos localizar essas benzedeadas e ouvir seus relatos. Nesse sentido, utilizamos como metodologia a história oral. Por meio das entrevistas podemos perceber como essas práticas de benzimentos são desempenhadas no cotidiano dessas mulheres. Mobilizaremos os conceitos de patrimônio imaterial e performace. O trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro busca historicizar a presença das benzedeadas no estado de Santa Catarina, bem como, discutir as representações e narrativas construídas sobre essas mulheres. No segundo capítulo, será possível encontrar a análise a respeito das práticas de cura das benzedeadas, a religiosidade, as ervas, objetos e sobre o “dom” de benzer. Com essa análise poderemos compreender como essas práticas de cura são constantemente ressignificadas.

**Palavras-chaves:** Benzedeadas. Práticas de Cura. Religiosidades.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 PRESENÇA E REPRESENTAÇÃO DAS BENZEDEIRAS EM SANTA CATARINA .....</b>	<b>14</b>
2.1 Narrativas e Representações das benzedeadas em Santa Catarina .....	16
<b>3 A análise das performances e o Repertório das benzedeadas Íris, Jasmim, Margarida e Rosa. ....</b>	<b>26</b>
<b>4. CONCLUSÃO .....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE A – Tabela mapeamento das benzedeadas .....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO A - Espiral de ervas/plantas da benzedeadas Margarida. ....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO B - Plantas e ervas de margarida no espiral.....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO C - Ervas/plantas de margarida eum vasinho com arruda e cristais. ...</b>	<b>48</b>
<b>ANEXO D - Altar da benzedeadas.....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXO E - Rosário da benzedeadas.....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXO F - Garrafadas da benzedeadas Margarida.....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO G - Altar de Margarida .....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXO H - Foto benzedeadas Rosa.....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo dar visibilidade a presença de benzedeadas no extremo sul catarinense. Para isso, buscamos localizar essas mulheres, analisando suas práticas, rezas e as enfermidades mais recorrentes por elas tratadas.

As motivações para a realização dessa pesquisa partem de dois caminhos: primeiramente do projeto de Iniciação Científica - PIC 170, ainda em andamento, intitulado "Patrimônio Imaterial: Mapeamento e registro da presença de benzedeadas e benzedores no extremo sul catarinense", cujo objetivo é o mapeamento das práticas desses indivíduos<sup>1</sup>. Através desse projeto foi possível mapear 17 pessoas, dentre elas 15 benzedeadas e 02 benzedores, localizados entre as cidades de Criciúma/SC até o município de Praia Grande/SC.

Outra motivação é o convívio diário com o meu padrasto, Antônio Sergio Cesario, de 33 anos, médium clarividente e benzedor que reside em Sombrio/SC. Para realizar esse trabalho contei com a ajuda dele, que também realiza benzeduras pelos interiores de algumas cidades de Santa Catarina.

Dessa forma, por ele conhecer benzedeadas e benzedores de municípios vizinhos e ter contato com esse meio, o mesmo me passou o endereço de algumas benzedeadas, e foi assim que tive os primeiros contatos com essas mulheres. Partindo desses contatos foi possível chegar as residências das primeiras benzedeadas, que a partir das conversas mencionaram outras amigas e/ou irmãs que benzeiam.

Desse modo, para este TCC foi feito um recorte com quatro benzedeadas, localizadas entre a cidade de Criciúma/SC até Balneário Gaivota/SC. Assim, foi possível o contato para as entrevistas com benzedeadas das seguintes cidades: Araranguá, Criciúma e Balneário Gaivota.

Ao oferecer visibilidade às narrativas dessas benzedeadas, o trabalho também busca valorizar suas práticas auxiliando ainda na preservação desse bem imaterial que se perpetua por gerações, sendo repassado por meio da oralidade.

---

<sup>1</sup> O sul catarinense é composto pelos seguintes municípios: Araranguá. Balneário Arroio do Silva. Balneário Gaivota. Criciúma. Ermo. Jacinto Machado. Maracajá. Meleiro. Morro Grande. Passo de Torres. Praia Grande. Santa Rosa do Sul. São João do Sul. Sombrio. Timbé do Sul. Turvo.

A pesquisa possibilitou compreender como essas práticas ocorrem em nossa sociedade moderna, tendo em mente que esses saberes se perpassaram por séculos e se mantêm presentes ainda hoje através das (re)significações realizadas pelos seus praticantes.

Dessa forma, foi privilegiada a metodologia da história oral, pois entendemos que por se tratar de cultura e saber imaterial, precisa-se escutar os protagonistas da história, nesse caso, as mulheres benzedeadas do extremo sul, que tem como parte do seu cotidiano o ofício de benzer.

A história oral temática foi importante, pois não pretendemos fazer das entrevistas uma biografia e sim dar voz a um grupo específico, tendo um assunto específico.

Segundo Sônia Maria de Freitas:

Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo. (2006, p. 21).

Como afirma Lucília de Almeida (2010, p. 23), a história oral é uma metodologia primordial voltada a produção de narrativas como fonte de conhecimento, mas principalmente do saber. Nesse viés, o uso da história oral é capaz de constituir-se em instrumentos de construção de identidade ou ainda para uma transformação social (FERREIRA, 2002, p. 14). Assim, ouvir essas narrativas é uma forma de auxiliar na preservação de memórias e saberes desses indivíduos valorizando seus conhecimentos e suas práticas.

A prática do saber benzer é considerada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) um patrimônio imaterial, por meio do decreto federal n. 3.551, no ano de 2000, esse reconhecimento proporcionou também certa visibilidade para essas práticas.

Segundo Lemos (1981, p. 8-9) o patrimônio é dividido em três grandes categorias de elementos. Primeiramente seriam os elementos pertencentes à natureza, que são os recursos naturais. O segundo grupo pertence aos saberes fazeres, são os conhecimentos de saber fazer, e as técnicas. E por último, é o grupo dos bens culturais, como os artefatos, objetos e construções. Portanto, a prática realizada pelas benzedeadas pertence ao segundo grupo, pois se refere ao saber fazer.

Para Diana Taylor, as danças, músicas, rituais e práticas sociais pertencentes ao Patrimônio Imaterial são caracterizadas como uma “performance” por possuírem “atos de transferências” que transmitem informações, memória cultural, e identidade coletiva de grupos/comunidades que podem ser transmitidos ao outro (TAYLOR, 2011, p 93). Sendo assim, as práticas realizadas pelas benzedeadas se caracterizam enquanto uma performance, ou seja, são práticas performatizadas.

Por meio das entrevistas realizadas com as benzedeadas, foi possível proporcionar um momento para que essas mulheres pudessem relatar sobre suas próprias experiências, recorrendo às suas memórias particulares e coletivas, pois: "registrar é sinônimo de preservar, de guardar para amanhã informações ligadas a relações entre elementos culturais que não tem garantias de permanências." (LEMOS, 1981, p. 29).

Podemos entender que:

Assim, preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. (LEMOS, 1981, p.29).

Em diversos momentos algumas benzedeadas localizadas se recusaram em conceder entrevista. Dessa forma, foi possível perceber certa desconfiança e receio em falar sobre o seu ofício e suas crenças. Algumas mulheres chegaram a narrar em conversas em suas residências, detalhes de suas experiências e práticas de benzimento, porém, não se sentiram à vontade para permitir a gravação do áudio.

Nesse sentido, essas entrevistas são consideradas informais, não serão citados casos específicos mencionados por elas, no entanto, esse diálogo permitiu conhecer melhor o ofício na região estudada. Podemos inferir que um dos motivos contidos nesse “não” conceder entrevistas seria pela falta de credibilidade e visibilidade dessas mulheres perante a sociedade.

E ainda podemos evidenciar que por suas crenças, pela discriminação e preconceitos que muitas já passaram em suas comunidades e até mesmo por seus familiares, o "fazer silêncio" é também uma forma de proteção.

Desse modo, durante minhas investigações ocorreram muitas conversas que não foram registradas, mas me possibilitaram o contato com várias benzedeadas

e suas experiências na prática do benzimento, e que me ajudaram a compreender um pouco mais sobre esse saber imaterial presente nas mais variadas crenças e práticas.

Fato esse que me fez refletir e buscar analisar sobre a relação do catolicismo e das religiões de matriz afro. Mas sempre tendo em foco que o trabalho não busca caracterizar o que é uma benzedeira; e o que não se configura enquanto uma. E sim mostrar as diferentes práticas de se benzer presentes no sul catarinense.

Podemos inferir que especialmente em Santa Catarina foi cunhado um estereótipo de benzedeira, demarcado por uma cultura litorânea e de características açorianas. No estado, a mídia e o turismo se valem desse estereótipo, enfocando essa presença de maneira muito forte na cidade de Florianópolis. Documentários, entrevistas, materiais turísticos, exposições, proporcionaram cristalizar um imaginário de benzedeira idosa, católica, humilde, de saias longas e lenço na cabeça. Mas será que esse estereótipo não auxilia na invisibilidade de outras práticas?

Durante as entrevistas e através dos contatos estabelecidos com as benzedeiros foram entrevistadas mulheres que não se encaixam nesse estereótipo, não eram senhoras, católicas e não usavam vestidos e saias. Assim, foi possível compreender que não há uma homogeneidade nesse estereótipo construído.

Para compreender a negativa de algumas benzedeiros nas entrevistas podemos recorrer aos estudos do sociólogo Michael Pollak. Para Pollak (1989), o silêncio das pessoas é tomado como dado significativo. Podemos inferir que para essas benzedeiros um silêncio, está expressando algo, que pode ser o medo de se expressar e expor seus saberes, o medo do preconceito. Podemos perceber que isso pode estar relacionado às suas experiências ao longo de suas vidas.

O trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro tem como objetivo historicizar as práticas de benzedura. Assim, percebendo que essas práticas estão presentes no Brasil, e especialmente em Santa Catarina, por séculos. Objetivamos também perceber que essas práticas são sincréticas e ressignificadas através dos tempos.

E posteriormente, no segundo capítulo, trataremos sobre as práticas das benzedeiros entrevistadas, suas rezas, o dom, as plantas medicinais e suas crenças e religiosidades. Nesse capítulo poderemos compreender como as benzedeiros

analisadas estão ressignificando suas práticas de cura. O que as tornam parecidas, e o que as distinguem no ato de benzer. Assim como poderemos perceber nas benzeduras a influência da religiosidade.

## **2. PRESENÇA E REPRESENTAÇÃO DAS BENZEDEIRAS EM SANTA CATARINA**

Compreendendo que as práticas de cura atravessaram séculos e ainda estão presentes no nosso país e no estado de Santa Catarina, nesse capítulo pretendemos historicizar a presença de mulheres que realizavam/realizam esse ofício, percebendo também, as dificuldades e preconceitos que sofriam/ sofrem ao longo do tempo.

É importante ter o entendimento que antes mesmo dos europeus pensarem em chegar ao Brasil, já existiam aqui os povos nativos que realizavam suas práticas de cura por meio dos recursos naturais, ou seja, com ervas e plantas que faziam parte do seu dia a dia, para os quais recorriam para tratar as suas enfermidades.

Com a presença dos portugueses em território brasileiro, houve o que conhecemos por sincretismo religioso, pois com a chegada dos europeus vieram também seus valores e religiosidades, ocorrendo assim o contato com culturas distintas. Posteriormente, com a chegada de africanos escravizados o sincretismo aumentou, assim os saberes de cada povo - índios, africanos e europeus - passaram a conviver no mesmo espaço geográfico.

Com esse conjunto de saberes, crenças e práticas de origens distintas, as mulheres que eram procuradas para benzer e/ou curar foram questionadas e, por vezes, ridicularizadas pela medicina europeia, que não tolerava o modo com que as mesmas exerciam seus ofícios.

Dessa forma, buscamos analisar inicialmente a presença dessas mulheres e suas práticas de cura no contexto do Brasil Colônia, num panorama mais geral, pois esse período foi muito semelhante ao processo de perseguição que ocorreu na Idade Média, em que mulheres que lidavam com as plantas medicinais para tratar doenças eram consideradas bruxas, por médicos europeus e também pela Igreja Católica.

No Brasil Colônia, foi muito presente a questão da discriminação acerca dessas mulheres, porque suas práticas de cura por meios naturais aos olhos dos médicos e padres eram consideradas ações demoníacas. Essas perseguições denotam também a falta de conhecimento e/ou preconceito dos médicos perante as

mulheres que detinham conhecimentos sobre o uso das plantas para curar as pessoas que as solicitavam.

É com esses pensamentos e discursos que buscavam oprimir as mulheres o que acabou desencadeando conflitos culturais e religiosos existentes desde o Brasil Colônia. As práticas populares foram sendo menosprezadas, ocorrendo assim uma superioridade de saberes sobre as práticas populares.

Além dos médicos, os representantes da Igreja Católica também contribuíam para negatizar essas práticas de cura. Mary Del Priore, em sua obra "História das Mulheres", nos evidencia a existência de uma visão demoníaca por parte dos padres e pregadores católicos sobre o curandeirismo. Assim, podemos observar que para os padres e os demais católicos as suas práticas não eram bem aceitas, inclusive pelos médicos, e que quando uma mulher adoecia, era por conta das suas feitiçarias, como sendo um castigo (DEL PRIORE, 1997, p. 78).

Com essa fala, é possível perceber aspectos do imaginário da época, e constatar que foi construído um estereótipo da fragilidade feminina, sendo a mulher vulnerável ao mal, nessa perspectiva afirmavam que eram as mulheres as responsáveis pelos males da população, sendo as difusoras das enfermidades e doenças.

A visão da igreja era de que as mulheres que benziam, eram feiticeiras e invocadoras do mal, por lidarem com ervas e terem um vasto entendimento de doenças e enfermidades, e principalmente por curarem as pessoas que os solicitavam com os recursos naturais.

Podemos então compreender que esses estudos do corpo feminino por parte da medicina, contribuíram para um estereótipo de que a mulher que se cuida se trata e cura outras mulheres, eram imundas, pecadoras e propagadoras do demônio, e que só eram importantes pelo fato de reproduzir e gerar filhos, mas jamais por serem grandes sábias de seu próprio corpo.

Dessa forma, as mulheres que detinham um conhecimento de curas por meios alternativos, como as plantas medicinais, passaram a ser objeto de estudo dessa medicina pautada em fatos e comprovações. E, além disso, tanto o discurso dos médicos como o da Igreja era de que essas mulheres eram dominadas pelas impurezas.

Mesmo com as perseguições, as mulheres continuaram transmitindo e adaptando suas práticas. A preocupação em repassar o conhecimento de mãe para

filha é um dos elementos que nos permite ainda hoje ter contato com essas práticas e saberes. Desse modo, a importância da oralidade, ajuda a manter viva essa tradição, pois "esse saber informal, transmitido de mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas". (DEL PRIORE, 1997, p. 81).

## 2.1 NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES DAS BENZEDEIRAS EM SANTA CATARINA

Para entendermos e analisarmos como essas práticas ocorreram no Estado de Santa Catarina, temos as contribuições de: Franklin Cascaes, Sonia Maluf, Cristina Wolff, Karen Christine, Carlos Renato Carola, Marcelo Sabino, Oswald Cabral e o médico sanitário Boa Nova.

Inicialmente busca-se identificar as características criadas em Santa Catarina em torno de duas figuras: a bruxa e benzedeira. A partir dessa reflexão, poderemos analisar os imaginários e a constituição das narrativas acerca das duas personagens.

Pensamos ser importante iniciarmos essa análise partindo do folclorista e artista Franklin Cascaes, natural de Florianópolis/SC. Cascaes é uma referência na cultura popular do estado, sendo muito conhecido por seus trabalhos: gravuras, exposições e livros acerca de lendas catarinenses. Suas obras são repercutidas nas mídias e em espaços históricos, principalmente do município de Florianópolis. Como suas esculturas, presépios e quadros que abordam lendas da "Ilha da Magia", termo esse que é usado por ele para se referenciar à cidade de Florianópolis.

Sendo assim, buscamos mostrar como ele define em suas obras o que é ser bruxa, e de que forma ele nos apresenta a figura da benzedeira em Santa Catarina. No livro "Franklin Cascaes, o mito vivo na Ilha", a autora Adalice Maria de Araújo, apresenta a visão de Cascaes ao categorizar a bruxa enquanto: a bruxa espiritual e a bruxa terráquea.

Para categorizar a bruxa espiritual, a autora se baseia na obra de Cascaes intitulada "As bruxas da Ilha" em que o próprio autor nos revela:

As bruxas – dizem os entendidos dessas histórias de encantamento tinham uma origem singular: se Deus concedia a um casal sete filhas sem que, no intervalo nascesse um varão, a mais velha, ou a mais moça, trazia a predestinação de ser bruxa. (ARAUJO, 2008, p 37-38).

Nessa categoria de bruxa, segundo o pensamento de Cascaes, a mulher era predestinada a se tornar uma bruxa como forma de castigo. Já na definição de bruxa enquanto terráquea, segundo o folclorista Cascaes, temos aquelas mulheres que decidem ser bruxas: “há, porém, as bruxas por opção, as terráqueas, que são iniciadas pela bruxa chefe nas “academias terráqueas” demoníacas e fictícias. ” (ARAÚJO, 2008, p. 38).

E ainda, na obra “A bruxólica Magia da Ilha” de Caldas 1971, que por meio da leitura de Araújo (2008), podemos ter acesso a seguinte descrição, que o autor faz sobre essa categoria de bruxas: “essas, porém têm horas especiais para usar os seus talentos podendo ser “cassadas” por desobediência; pois elas juram obediência ao serem “diplomadas”, aceitando assim, todo o poderio espiritual diabólico.” (ARAÚJO, 2008, p. 38).

Assim, temos a mulher que por predestinação torna-se bruxa e a mulher que por opção decidiu se tornar uma bruxa. Esta é sempre associada ao diabólico, sendo envolta por uma energia negativa e má. Enquanto a outra se tornou bruxa porque, de certo modo, foi castigada. Como se fosse uma “herança ruim” à família que não conseguiu conceber um filho homem. Desse modo, ambas são julgadas e relacionadas com certo menosprezo.

Para mostrar a atividade das benzedeadas nesse meio “bruxólico”, Araújo (2008, p.48) nos aponta como Cascaes descreve o papel da benzedeadora para livrar-se dos males causados pelas bruxarias. Cascaes cita no item “g” de sua enumeração das práticas realizadas para neutralizar a ação das bruxas, as práticas realizadas pelas benzedeadas:

g) procurar uma benzedeadora afamada em coisas do reino da bruxaria para receber dela a confirmação, ou não, se a doença que ataca seu filhinho é dada por nosso Senhor ou por elementos do mal, dizem os contadores de histórias de assombrações. (ARAÚJO, 2008, p. 48).

Dessa forma, a ideia era de que a bruxa era a responsável pelos males da população, enquanto a benzedeadora teria como função eliminar a ação dessas bruxas. Na obra ainda é possível conhecer uma benzedura para eliminar essas ações exercidas pelas bruxas: “Bruxa, tatarabruxa, agulhão nos teus pés e antolhos nos teus olhos. Tu não me entras aqui nesta casa, nem nesta comarca toda. Em nome de Deus e da Virgem Maria, Amém.” (ARAÚJO, 2008, p. 53).

A benzedeira, segundo Cascaes, era a pessoa procurada por aqueles que se diziam atacadas por bruxas, esses que por sua vez, seriam benzidos para então equilibrar as energias por meio de orações específicas. Para essas benzeduras eram utilizados galinhos de arruda, folhas de laranjeira, guiné e louro, como veículo cirúrgico curandeiro, que eram complementados com azeites ou água-benta na sexta-feira Santa. (ARAÚJO, 2008, p. 133).

No caso de ações “bruxólicas” em crianças: “para a cura de crianças embruxadas ou empresadas, além das benzeduras e armadilhas, usa-se o cisco das três marés e a mostarda espalhada pelo chão do quarto onde a criança doente dorme.” (ARAÚJO, 2008, p. 134).

Todo esse conhecimento que Cascaes nos apresenta acerca dessas práticas faz parte do imaginário e do cotidiano da população. Sendo assim, as obras produzidas por Franklin Cascaes a respeito dessa temática, são de cunho folclórico/artístico. Cascaes se aproximou dessas pessoas, para então registrar as suas falas, das quais podemos observar que muitas vezes são ressignificadas, permeadas por fantasias e lendas passadas por gerações.

Como já mencionado, suas obras materializam essas lendas e discursos, como podemos verificar em suas esculturas e desenhos de bruxas voando em vassouras, andando a cavalo, a bruxa que tem pernas de Saci-Pererê, que se relaciona com o demônio, e entre outras representações. Dessa forma, é essa a visão que as pessoas têm do que é a “bruxa”, e essa é uma questão muito utilizada pelo setor turístico e pela própria mídia, que divulga e reafirma ainda mais esse perfil.

Sônia Maluf, em sua obra “Encontros Noturnos – Bruxas e Bruxarias da Lagoa da Conceição” trabalha com as narrativas em torno da figura da bruxa, trabalho esse que ela realizou a partir de entrevistas com moradores da Lagoa da Conceição. Nas narrativas de Maluf se percebe que as questões giram em torno do mesmo drama, para ela: “o tema mais comum nas histórias é o da criança recém-nascida que é atacada por uma bruxa e começa a apresentar sintomas de embruxamento: emagrece, para se alimentar, choro o tempo todo, tem manchas roxas no céu da boca.” (MALUF, 1993, p. 58).

Segundo a autora, é como se os moradores se apropriassem das histórias que já ouviram e fizessem algumas variações. Nesse caso, a benzedeira tem a função de curar essas crianças embruxadas. A autora salienta:

Uma diferença fundamental nas narrativas é quanto ao desfecho. Em uma parte das histórias, a criança sobrevive ao embruxamento graças à ação da benzedeira e da mãe, ao passo que, outras, a criança acaba morrendo, reafirmando-se a ameaça e o perigo que a bruxa representa. (MALUF, 1993, p. 59).

Assim, se a criança falece a culpa não é atribuída à benzedeira, pois segundo os moradores, esse fato revela a força da ação da bruxa. Diante dos relatos, a autora conclui que:

Em geral, a bruxa aparece em locais distantes do território doméstico e mais ligados aos espaços de trabalho masculino, como a mata, a praia, as pedras, o mar, e mesmo a estrada, que, apesar de ser um local ocupado também pelas mulheres durante o dia, à noite só é permitido aos homens. (MALUF, 1993, p. 60).

Desse modo, percebe-se os espaços, citados pelos entrevistados onde essas mulheres ditas bruxas percorriam. Para a autora a figura da bruxa se modifica de acordo com quem relata se é homem ou mulher. Para ela: "são as atitudes masculina e feminina, permeados por significados diferentes para as bruxas e os eventos de bruxaria." (MALUF, 1993, p. 69).

Quando uma mulher é quem relata: "o embruxamento de uma criança é o drama central que envolve as mulheres com a narrativa, seja como narradoras, seja como sujeitos protagonistas". (MALUF, 1993, p. 69). Quando é o homem quem conta, as narrativas se modificam, o homem se vê como vítima da bruxa por elas adentrarem seus espaços de trabalho.

Percebemos que:

A construção da identidade masculina passa pelo trabalho, que reúne os homens, excluindo as mulheres, e fazendo-os partilhar de um conhecimento no uso daqueles instrumentos que só eles possuem. No momento em que uma figura feminina fora de controle – a bruxa – exerce esse papel, embarcando e saindo para navegar na canoa, por exemplo, põe em questão tudo isso e a própria identidade masculina. (MALUF, 1993, p. 80-81.)

Nessa situação, a benzedeira se limita ao identificar a ação de uma bruxa, mas é a mãe da vítima que descobre quem é a bruxa que fez a maldição. Para descobrir quem é a *bruxa*, a benzedeira realiza um ritual denominado por "identificação", que é a partir dele que o encanto será quebrado, e a criança curada, pois com isso a bruxa é revelada (MALUF, 1993, p. 72).

Diferente do homem que quebra o feitiço por meio do reconhecimento de que são elas mulheres da comunidade, quando um homem reconhece a mulher, ela

não volta mais a ser bruxa. Assim: "o poder da bruxa se desfaz à proporção em que ela é reconhecida como uma mulher como qualquer outra. Isso só não acontece no caso da mulher que é vista sempre como uma bruxa." (MALUF, 1993, p. 83).

Dessa forma essa citação também nos reforça uma ideia de que somente o homem é capaz de reconhecer e quebrar o feitiço de uma bruxa. A autora trabalha com "as situações de performance das narrativas", segundo ela: "da mesma forma que muda o significado da bruxa, o seu contexto, conforme os narradores e protagonistas sejam homens ou mulheres, também as situações de performance se apresentam como diferentes para ambos." (MALUF, 2008, p. 85).

Para Maluf, quando a figura da bruxa é narrada pelas mulheres, no momento em que o bruxismo se torna uma ação concreta, afetando as crianças, é onde ocorre o episódio favorável para a performance. É a partir das doenças que as narrativas vão começar a surgir, baseados em histórias que já ouviram falar ou que conhecem.

Quando o homem narra, a performance está mais ligada à questão da identidade masculina. "No momento em que, por exemplo, os homens se reúnem dentro de uma embarcação, ou estão reunidos na praia, esperando o cardume, nas frias madrugadas do inverno ilhéu, está montada uma situação favorável para as narrativas de bruxaria." (MALUF, 2008, p. 86).

Dessa forma, está se referenciado ao espaço de trabalho de domínio masculino, ou seja, as pescarias, onde a autora mostra que está montado um cenário favorável para criar-se as narrativas e história sobre as bruxas. "Como se pode ver, a bruxaria se realiza socialmente enquanto narrativa a partir do relato do episódio, nos contextos de performance, em que se configura uma situação favorável aos relatos." (MALUF, 1993, p. 86).

Contudo, essas mulheres consideradas "bruxas" acabam por aderir outro atributo, como destaca Maluf, a de "mulheres desviantes". Como podemos analisar, esse ser "bruxa" se altera de acordo com a performance de quem narra. Como também tem a mulher tida como comum, mas que a comunidade cria em torno dela a imagem de bruxa, apenas por seus comportamentos considerados desviantes, ou por ser a sétima filha do casal, como já mencionado anteriormente.

A respeito das narrativas acerca das benzedeadas, a autora aponta que nesse caso, a benzedeadada é uma figura real, que existe na comunidade e é conhecida por desempenhar esse papel na mesma:

As benzedeadas são as mulheres que, detendo determinados conhecimentos curativos, sobre ervas medicinais, sobre rezas e benzeduras, sobre o parto e o cuidado dos bebês recém-nascidos e tendo o poder e o conhecimento dos procedimentos rituais para enfrentar ou proteger dos malefícios, como quebranto, mau-olhado, feitiçaria e bruxaria, são vistas como "especialistas" nestas questões pelos outros moradores do lugar. (MALUF, 1993, p. 119).

Pelas narrativas encontradas por Sônia Maluf em sua pesquisa de campo, na Lagoa da Conceição, a bruxa foi considerada como a maléfica, e a benzedeadas benéfica. A benzedeadas é a mulher que tem o poder de desvendar a bruxa, revelando assim a sua identidade. Outra questão levantada pela autora são os objetos de uso por ambas as figuras.

A bruxa como relatada é associada por ocupar espaços masculinos, enquanto a benzedeadas é a mulher que tem o domínio dos objetos relacionados aos usos femininos. Assim:

Os objetos que usa para as benzeduras (tesouras, linha e agulha, pilão, brasas, copo com água etc.) fazem parte do universo do trabalho feminino e do espaço em que as mulheres passam a maior parte do tempo, sempre acompanhados de rezas, onde predominam as invocações e os pedidos dirigidos a Nossa Senhora. (MALUF, 1993, p. 123).

Dessa forma, pode-se explicar como e para que, cada objeto desse é usado pela benzedeadas de acordo com ocasião em seus benzimentos:

Assim, a linha e a agulha são utilizadas na benzedura contra mau jeito, na qual, junto com a reza, a benzedeadas simula que está costurando sobre a parte do corpo que foi machucada. Contra dor de cabeça, também chamada de "Sol na cabeça", os objetos usados são um guardanapo, disposto sobre a cabeça do doente, e um copo cheio d'água, que é colocado, com a boca virada para baixo, sobre o guardanapo. Para descobrir se a pessoa que a procurou está com quebranto, a benzedeadas procede como se estivesse consultando um oráculo: joga uma brasa dentro de um copo com água e faz a leitura. Conforme a brasa vá ao fundo ou fique boiando, a pessoa foi ou não vítima de quebranto ou mau-olhado. (MALUF, 2008, p.123-124).

Para além da atividade do ofício de benzer, em que as benzedeadas utilizam desses instrumentos de trabalho, esses objetos fazem relação com outra prática desenvolvida por elas como: o trabalho de parteira. Na obra "Mulheres de Santa Catarina: vidas de trabalho", de Cristina Wolff e Karen Christine, encontramos também a figura da benzedeadas associada à atividade de parteira. As autoras nos mostram que:

Uma benzedeadas poderosa era, na maior parte das vezes, parteira. A benzedura era outro trabalho feminino, e as mulheres que eram conhecidas na comunidade como tal deveriam estar sempre disponíveis para atender alguém, mesmo que tivessem que se deslocar para lugares distantes. (WOLFF e RÉCHIA, 1999, p. 66).

A partir dessa citação podemos perceber que essas mulheres tanto como parteiras e/ou benzedoras transitavam em outros lugares quando solicitadas, tendo desde então um contato muito grande com diversas pessoas e comunidades, sendo conhecidas pelos seus trabalhos. Contudo, essas práticas tiveram que se reformular, pois:

Em Florianópolis, a capital do Estado, desde o século passado, quando ainda se chamava Desterro, as mulheres deveriam obter uma licença para partejar e, a partir dos anos 40 deste século, elas passaram a fazer curso de formação em locais como a Maternidade Carlos Corrêa, com um diploma conferido pelo Departamento de Saúde Pública. (WOLFF e RÉCHIA, 1999, p. 65).

Nesse contexto, o Estado de Santa Catarina no século XX passava por uma modernização que veio a modificar o modo de vida das pequenas comunidades presentes no litoral. Entretanto, elas ainda nos mostram que no século XIX era comum a interação que essas mulheres tinham em espaços destinados a elas, "isso porque as curas e as benzeduras eram de domínio feminino, e este aprendizado se dava nos espaços de atividades femininas, como a lavagem de roupas na fonte, no artesanato de renda, na apanha do café." (WOLFF; RÉCHIA, 1999, p. 66).

Esses espaços de atividades frequentados pelas mulheres eram um momento de trabalho, mas também de conversas sobre simpatias e rezas, portanto, as mulheres que não tinham como ofício o ato de benzer, tinham esse espaço como um momento de contato com as benzedoras e suas práticas.

Enquanto benzedoras essas mulheres se distinguiam em duas: a benzedora boa, e a bruxa. Nessa distinção, "não estamos preocupadas aqui com a existência real das bruxarias ou com a eficácia das benzeduras, mas sim com a crença dos habitantes do litoral catarinense nestes dois elementos, e o fato de serem praticados e/ou atribuídos às mulheres." (WOLFF; RÉCHIA, 1999, p. 66).

As mulheres que transitavam pelas noites e frequentavam lugares ditos como espaços masculinos eram consideradas como bruxas, e "as mulheres apontadas como bruxas geralmente eram vizinhas com as quais se tinha problemas, mulheres mais velhas e viúvas, mulheres não-casadas ou independentes." (WOLFF; RÉCHIA, 1999, p. 66).

Podemos verificar que a mulher que era casada e ficava em casa era a figura feminina ideal e respeitada pela sociedade. É no momento em que a mulher

ocupa outros espaços na sociedade, além dos lares que ela é tida como uma mulher de "caráter desviante" termo ressaltado pelas autoras e também analisado por Maluf.

Pensando em um recorte que retratasse sobre a presença das benzedeiros no extremo sul catarinense, temos na cidade de Criciúma/SC até muito recentemente as práticas de cura que foram reprimidas. Segundo o historiador Carlos Renato Carola (1997), "até o final da década de 1950, a assistência médica na região carbonífera de Santa Catarina era hegemonicamente praticada pelas parteiras, curandeiras/os e benzedeiros." (CAROLA, 1997, p. 141). Percebemos então a presença dessas atividades no processo de urbanização, portanto, no setor da saúde, pois os médicos estavam chegando à cidade para trabalharem e atenderem a população.

Porém, antes desses médicos se instalarem na cidade, e em específico nas comunidades operárias, essas mulheres já praticavam o ato de benzer e de fazer chás caseiros para a população, logo "no campo da medicina popular, muitas mulheres tornaram-se conhecidas na região." (CAROLA, 1997, p. 141). Mas, os médicos não aceitavam o fato de terem que trabalhar em um mesmo espaço em que as benzedeiros e curandeiras realizavam as suas práticas.

Contudo, era um contexto de lutas por espaços na cidade de Criciúma/SC. Nesse período o poder médico interferiu nessas práticas que eram exclusivamente de domínio feminino, com um discurso onde as desqualificavam em suas atividades, como sendo "charlatões", ou seja, mulheres que enganavam a ingenuidade da população.

Trata-se então de um pensamento que menospreza as atividades desenvolvidas pelas mulheres da cidade. Nessa relação, o historiador Carola (1997), nos apresenta em sua obra, o médico sanitário Boa Nova e os demais médicos que atuavam na cidade de Criciúma, mostrando que: "Os médicos que vieram trabalhar e morar na região carbonífera de Santa Catarina não admitia a concorrência da medicina popular." (CAROLA, 1997, p. 144-145).

Boa Nova como descreve em um boletim suas visões e opiniões a respeito das práticas das benzedeiros, aonde podemos observar que ele denominou essas práticas como sendo "coisas de charlatões", ele afirma que essas mulheres eram muito boas em enganar a população, e as pessoas só recorriam a elas por serem desinformadas sobre enfermidades e doenças.

Nesse meio social:

Para os médicos formados, de acordo com os paradigmas da medicina moderna, as/os curandeiras/os, as benzedeadas, os dentistas práticos, farmacêuticos/as práticos/as e as parteiras não passavam de um "bando" de charlatões, que se aproveitavam dos momentos desesperados de famílias que os procuravam para curar um ente querido. (CAROLA, 1997, p. 145).

Esse pensamento de Boa Nova (1995), é semelhante ao discurso de Oswaldo Cabral (, encontrado nos livros "Medicina, Médicos e charlatões do passado", e "A medicina Teológica e as Benzeduras: suas raízes na História e sua persistência no folclore".

O historiador Marcelo Sabino desenvolve sua análise em relação à obra de Cabral:

De um modo bastante geral, na obra de 1958, Cabral se dedica a estudar e pesquisar as práticas de cura religiosas "folclorizando-as", ou seja, atribuindo a elas um caráter popular, inocente, como práticas que não tem relação direta com a cura, mas que existem pela fé do povo e porque elas estão presentes na "tradição" da população catarinense. (SABINO, 2009, p. 20).

A maioria das produções já realizadas folclorizam e criam estereótipos de benzedeadas, como sendo ela de uma única forma "característica", pois quando pensamos em benzedeadas a imagem que nos vêm em mente é, uma senhora, de saia, ou vestidos longos, com um paninho amarrado na cabeça e segurando um rosário. Mesmo quando não relacionamos a esse estereótipo é ele que é retratado; e que de certa forma é compartilhado entre as pessoas.

Até mesmo as mídias e em específicos os jornais, acabam reforçando essa ideia de benzedeadas, em matérias ou entrevistas sobre a temática. A benzedeadas apresentada e/ou entrevistada é essa senhorinha que permeia nosso inconsciente. Outros meios que divulgam esse estereótipo são os próprios documentários, muitos ainda reforçam essa caracterização. São poucos os que podemos ver uma benzedeadas jovem que pertença às religiões de matriz-afro e que benzem com práticas para além das benzedeadas católicas.

Refletindo desse modo, será que esse estereótipo divulgado em jornais, documentários e trabalhos foi o único presente no decorrer da história do estado de Santa Catarina? Será que hoje só encontramos benzedeadas idosas? E principalmente: o catolicismo foi à única religião presente nessas práticas? Ao longo dessa pesquisa o trabalho apontou outras evidências que até então não foram muito ou quase nada, debatidas.

No caso estamos nos referindo as diferentes práticas de benzimento presentes no estado de Santa Catarina, em específico, das cidades do extremo sul catarinense na qual foram localizadas práticas de benzedura por mulheres de religiões-afro, para além da ideia de hegemonia católica.

Mas, esse presente trabalho não busca apontar e julgar o que é ou não benzer; o que é ou não ser uma benzedeira. E sim apontar a existência de diferentes práticas presente na região sul catarinense. Diante das entrevistas realizadas, as benzedeiros relataram ter recebido esse "dom" de outra benzedeira ou por meio de um sonho. Também foi possível verificar a relação das benzedeiros católicas com as benzedeiros de matriz-afro, tanto de forma direta ou indiretamente.

Sabemos que as religiões de matriz-afro, sofrem muito com o preconceito religioso ainda hoje. Assim, essas mulheres que benzem em religiões como a Umbanda e/ou Candomblé são, por vezes, mal vistas pela sociedade.

Porém, essas práticas desenvolvidas por essas religiões fazem parte da cultura de nosso país, e principalmente do Estado de Santa Catarina, que se vê enquanto um estado constituído e colonizado por pessoas brancas, descendentes de europeus e fiéis católicos.

Desse modo,

As práticas mito-mágicas e religiosas de cura que utilizam ervas, poções e adivinhações eram promovidas, principalmente, por afro-descendentes no Brasil e fazem parte da cultura dessa grande parcela de pessoas. Essas práticas, de um modo geral, foram dadas a ler, a ver e a conhecer por meio de um discurso catequista cristão-católico que as tratavam como práticas bárbaras e atrasadas. Consideradas pela Igreja Católica como práticas demoníacas, magias "negras" e feitiçaria, e seus praticantes classificados como "curandeiros" ou "feiticeiros" os quais mantinham pactos diabólicos. (SABINO, 2009, p. 13).

Como ele mesmo aponta, "no Brasil, desde o período colonial, existiam outras técnicas para acessar o sobrenatural na tentativa de promover a cura de uma doença que somente rezar. Como as técnicas ligadas à cultura e tradição africanas, por exemplo." (SABINO, 2009, p. 13). Nesse sentido, devemos perceber que em Santa Catarina as culturas indígenas, europeias e africanas também foram sincretizadas. Partindo da ideia de que as pessoas recorriam às benzedeiros no passado apenas pela falta de médicos e recursos científicos, como podemos então explicar que em pleno século XXI, com uma sociedade constituída por uma variedade de especificidades de médicos, hospitais e postos de saúde, as pessoas ainda procuram por benzedeiros?

### **3 A ANÁLISE DAS PERFORMANCES E O REPERTÓRIO DAS BENZEDEIRAS ÍRIS, JASMIM, MARGARIDA E ROSA.**

Nesse capítulo encontra-se a análise das entrevistas de quatro benzedeadas, percebendo aspectos de suas religiosidades, das práticas de benzimento, do “dom” de benzer, as ervas utilizadas, os objetos e também as principais enfermidades pelas quais são mais procuradas. Para Diana Taylor esses itens fazem parte do que denomina de repertório.

Para Taylor, “o repertório, então, permite também que os pesquisadores investiguem tradições e influências.” (TAYLOR, 2013, p. 50). Ou seja, por meio dos itens que foram apontados, podemos ter contato e conhecimento acerca das práticas de cura dessas mulheres.

Dessa forma, podemos compreender que é por meio do repertório que podemos estudar sobre o objeto de estudo, nesse caso, as benzedeadas e suas práticas de cura, pois poderemos analisar quais as influências e tradições que permeiam suas práticas. Como salienta Taylor, “formas legadas, vindas do passado, são vivenciadas como presentes”. (TAYLOR, 2013, p. 55).

Por meio do repertório de cada benzedeadada entrevistada, foi possível compreender como suas performances ocorrem e se ressignificam no presente. Segundo a autora, os itens mencionados fazem parte do repertório das benzedeadas pois “o repertório contém performances verbais - canções, orações, discursos-, bem como práticas não verbais.” (TAYLOR, 2013. p. 55).

Em meio à essas práticas não temos o objetivo de caracterizar a imagem de uma benzedeadada, objetivamos mostrar e analisar as diferentes formas de se benzer presente no extremo sul catarinense, o que poderá contribuir para a visibilidade desse patrimônio imaterial no estado.

Em relação aos nomes das benzedeadas, foram atribuídas para as mesmas pseudônimos referentes a nomes de flores; Íris, Jasmim, Margarida e Rosa. Cada flor foi associada às mesmas pelos seus significados, atribuídos a partir das entrevistas e das conversas se fez essa simbologia. Cada uma com a sua característica e essência.

As benzedeadas estão localizadas no recorte espacial que compreende os municípios de Balneário Gaivota/SC (01), Araranguá/SC (1) e Criciúma/SC (2),

idades essas do extremo sul catarinense. Em Balneário Gaivota/SC, temos a benzedeira Íris de 53 anos, que além da prática das benzeduras também é massagista e mãe de santo do seu terreiro intitulado como “Templo Lua do Oriente”.

No município de Araranguá/SC, encontramos a benzedeira Rosa de 60 anos, que benze e joga cartas. E na cidade de Criciúma/SC encontramos duas benzedeiros, a Margarida de 34 anos, e a Jasmim, de 63 anos. Jasmim reside no bairro Tereza Cristina, e Margarida, no bairro Morro do Estevão, que tem como prática realizar suas benzeduras em bebês/crianças e também nos partos. Margarida por sua vez é a benzedeira mais nova entrevistada.

Em sua maioria essas benzedeiros atendem a população nas suas casas em dias específicos, geralmente recebendo uma grande demanda de pessoas que começam a chegar de madrugada, ou que vão se encaminhando durante o dia. Nas pesquisas de campo percebemos que a localização das residências talvez tenha se modificado em relação à ideia de que suas casas geralmente se encontravam em lugares mais retirados. Das benzedeiros entrevistadas apenas uma morava mais afastada da cidade, as demais moravam em bairros urbanizados.

Ao chegar aos locais onde essas mulheres realizam as suas práticas podemos constatar a presença de plantas medicinais, quadros religiosos, altares de santos, crucifixos e também que algumas colocam fotos de parentes, e/ou pessoas da comunidade em altares rodeado por imagens de santos.

No caso de uma benzedeira localizada no município de Araranguá/SC – que não aceitou ser entrevistada, foi possível verificar a presença dessas fotografias colocadas em altares junto aos santos. As fotografias são de pessoas pelas quais estão sendo realizadas orações para cura de doenças e/ou que já foram curadas pela benzedeira e até mesmo de pessoas que já faleceram.

Os benzimentos tem como prática o hábito de não ser cobrado, e sim de ser algo voluntário. Das benzedeiros que foram entrevistadas nenhuma cobra nada pelas benzeduras, mas como foi mencionado Íris e Rosa cobram para realizar outro trabalho, no caso, jogar cartas. As outras duas que não aceitaram conceder a entrevista cobravam para benzer, ambas do município de Araranguá/SC. Com esse fato, podemos verificar que não é consenso não cobrar.

Assim, podemos verificar que tanto a Rosa quanto a Íris além de benzerem tem o domínio de outra atividade. A Rosa faz a *“leitura das cartas”*, onde inicialmente pergunta sobre o que a pessoa quer saber: emprego, saúde ou amor.

Ou mesmo os três. E assim, joga as cartas sobre sua mesinha encostada na parede, dentro de sua varanda. Logo, ela revela o que as cartas dizem e também faz previsões futuras, momento esse que pude analisar pessoalmente, durante o jogo de cartas que Rosa jogou para mim.

A benzedeira Íris joga as cartas em sua mesinha junto aos guias, dentro do seu próprio terreiro de Umbanda, local esse onde me concedeu a entrevista. Ao lado, em uma salinha é o ambiente onde ela atende as pessoas para realizar as massagens.

As benzedeadas nas entrevistas ressaltaram a questão da desconfiança que ocorre em relação a vizinhança, que tem certo receio perante elas, e que até mesmo sofrem preconceito dentro de seus próprios lares.

Jasmim relata que seus próprios filhos não acreditam em suas benzeduras e que muitas vezes fazem piadas em relação aos seus benzimentos. Ela relata que seus filhos riem dela por não acreditarem ou não saberem lidar com os seus saberes.

Sobre essa visão preconceituosa existente ainda hoje pela população acerca dessas práticas, a benzedeadora Íris revela que:

Aí começou de escondidinho né, aí vem procurar por um remédio, por uma simpatia, ou para uma abrigão de caminho, ou serviço, ou para uma ajuda no amor, o casamento não está dando muito certo... às vezes filhos rebeldes, mas a maioria vem escondido para que o vizinho não saiba que foi.... Eles só não vêm mais e não ficam muito à vontade por causa da sociedade (ÍRIS, 2016).

Em relação à religiosidade, as benzedeadas Jasmim e Rosa se denominam católicas. A benzedeadora Íris é umbandista e a Margarida pertence à União do Vegetal. De acordo com a religiosidade de cada benzedeadora isso pode vir a refletir no modo como fazem suas benzeduras. A Íris é umbandista, começou a se perceber enquanto benzedeadora através da mãe e da vó que já benziam e atendiam a vizinhança. Ela disse:

Eu tive lá no Frei Hugolino né, então ele me chamou lá daí ele assim ó “podia” daí não chamam de benzeduras né, chamam de imposição de mãos né. Aí a gente acaba misturando as coisas para não assustar o povo. Aí eu comecei a atender as crianças... começaram a dormir bem, aí começou a vir gente, vir gente ... (ÍRIS, 2016).

Assim, podemos compreender que ela já vivia num meio familiar em que era comum o contato com as benzeduras, e como consta na citação, através do

Frei, ela teve novamente a confirmação de que tinha o dom de *saber benzer*, possuindo, portanto, certa legitimação com a religião católica.

E como diz acima, para o Frei trata-se de imposição de mãos e ela por ser umbandista adaptou esse “dom” de acordo com a sua religião, benzendo por intermédio da incorporação dos guias e pela relação de contato com os espíritos.

Íris reserva as segundas, quartas e sextas para atender a população:

Na Umbanda a gente tem o dia da sessão né, que vem vários médiuns e quem faz aí as benzeduras, os descarregos são os guias. Porque eles encostam e passam as informações do que as pessoas têm para que a gente possa ajudar ou dar um conselho. ” (Íris, 2016).

Segundo ela mesma relatou os guias que atendem nas sessões (sexta-feira) são os mesmo que auxiliam durante a semana nos benzimentos, mas que durante as sessões estão incorporados pelos médiuns, e durante a semana: “ eles encostam e passam as informações do que a pessoa tem para que a gente possa ajudar ou dar um conselho.” (Íris, 2016).

Assim, Íris benze de acordo com o que os guias informam para ela e também são eles que dizem quais ervas deve usar. Por se tratar da Umbanda, nesse caso, o benzimento ocorre por meio de guias “espíritos” de “pretos velhos” que são os que mais auxiliam. Segundo ela:

Dentro da Umbanda os pretos velhos são os que mais trabalham com as rezas, as benzeduras, pátua, simpatias... tem os pretos velhos que trabalham mais com rosário, tem pretos velhos que trabalham com velas né. Acesas... é tipo como se tivesse queimando as energias negativas né, e tem uns também que trabalham até com tesouras. Muito, muito, é muito bonito o trabalho deles. (Íris, 2016).

Nesse sentido, podemos verificar os objetos utilizados para o benzimento, que são as tesouras, velas, rosário e também as plantas medicinais. Em relação à ligação da benzedeira com as plantas e ervas a mesma diz que também faz chás, mas que é tudo conforme a “preta velha” passa para ela: “Eu faço quando a preta velha manda. Que daí ela manda, ela passa as ervas e aí eu faço com as ervas que ela indicou que daí eu mesmo não entendo muito de erva, quem entende é ela.” (ÍRIS, 2016).

A escolha da erva depende da necessidade de cada pessoa e da indicação dos “pretos velhos”:

Por exemplo, tem uns que trabalham só com arruda, outros trabalham com arruda e guiné, outros trabalham com manjeriço, outros manjeriço e hortelã... E por aí vai né.. Outros trabalham até com samambaia. Pode ser insignificante, mas eles fazem o negócio funcionar. (ÍRIS, 2016).

O historiador Marcelo Sabino aponta para a presença dessas práticas de cura ligadas ao sobrenatural presente ainda no Brasil Colônia. Em que afirma que as mesmas eram praticadas por religiões de matriz-afro. Segundo Sabino (2009, p. 13), no Brasil, desde o período colonial, existiam outras técnicas possíveis para acessar o sobrenatural, nesse caso, técnicas ligadas à cultura e tradição africanas.

Com a benzedeira Rosa de 60 anos, o benzimento é realizado apenas com o auxílio de um rosário, indicando uma diferença entre as duas em relação a religião e aos objetos. Rosa relata: “Não, é só um rosariosinho ó (mostrando) ... não tem nada de... Um rosário, uma vela assim entende...” (ROSA, 2016).

A Rosa como já foi dito é católica, e seus irmãos são umbandistas. Ela relata na entrevista que desde pequena já tinha esse "Dom":

Eu tinha uns seis anos... *eu tinha uns seis anos*, cinco seis anos. Daí eu comecei... as entidades *vinho* né... e daí eles *vinho* e falavam. Daí meu pai me levou longe... lá em Porto Alegre, daí uma senhora preta (preta-velha). Me preparou pra..., mas eu tenho de berço. Porque minha vó que vinha em mim... que trabalhava com isso. Eu fui em Porto Alegre que é uma mesa de santo. Então daí onde que daí eles disseram: "nós vamos te aprontar, mas tu já tens tuas entidades". Ou seja, isto tudo já é de berço guria, porque meu vó e minha vó... E a minha irmã que se foi... faleceu... e o Alcidino. (ROSA, 2016).

Nessa fala podemos identificar a relação entre a religião Católica e a Umbanda, pois não sabemos se seus avôs, que ajudaram ela desde pequena eram umbandistas ou católicos. Independente da religião, eles se deslocaram até o Rio Grande do Sul, para que ela ainda criança desenvolvesse esse “dom”, que fica muito associado ao desenvolver uma mediunidade. E ainda, que ela se desenvolveu enquanto uma benzedeira com uma “preta velha”, ou seja, isso não interferiu na opção religiosa dela, pois ela é católica, e poderia ter se tornado uma umbandista.

Nesse caso, podemos inferir a possibilidade de ela não querer relatar em detalhes sobre quem seriam essas “entidades” como ela mesma denomina, já que no catolicismo não há essa relação dos católicos com entidades. Então, percebemos uma mescla desses termos, de palavras que provém de religiões de matriz-afro, ao mesmo tempo em que se diz católica. Podemos problematizar também se a autodenominação como católica não seria uma forma de ser melhor aceita pela população.

Ao perguntar se ela tinha algum santo específico que evocava ao realizar as suas benzeduras, ela diz: “Não. É assim ó, daí a gente pega um rosariosinho aí

eles vem né? Eles vem na gente entende?... Daí já falam o que que a pessoa tem.” (ROSA, 2016).

Porém, sabemos que a Igreja Católica não parte do pressuposto de que os espíritos possam intermediar nas questões terrenas. Portanto, como isso acontece para ela? Pois ela relata que é auxiliada por um plano superior para realizar o benzimento. Enquanto Íris, a umbandista, explica que também recorre ao sobrenatural, mas que são as entidades da umbanda, com a Rosa, porém ocorre essa contradição. Podemos entender que ela não quis explicar sobre esse sobrenatural, ou ela por algum motivo não quis relatar em detalhes sobre sua religiosidade.

Em relação às orações a benzedeira Jasmim de Criciúma/SC, relata não ter aprendido com ninguém, a mesma nos conta que aprendeu tudo o que sabe sobre benzimentos por meio de um sonho. Todas as orações e suas finalidades também foram passadas para ela através de um sonho: “Tudo em sonho”. Para cada coisa, uma coisa (JASMIM, 2016). Por meio desse sonho foi revelado para *como* e *para que* ela deveria utilizar cada oração.

Na entrevista ela relata que, as ervas mais utilizadas por ela são: “É o alecrim, o guiné... É assim, mas tanta gente pediu que o pé até já secou, agora está nascendo tudo que eu já plantei de novo... é muita gente atrás dessas coisas.” (JASMIM, 2016).

Podemos notar a relação dela com as ervas medicinais, percebendo que ela faz o cultivo dessas plantas e também doa para as pessoas que a procuram, além de utilizá-las para benzer. Jasmim é muito procurada para benzer principalmente cobreiro<sup>1</sup>, e também por conta das plantas, as pessoas vão até sua casa para buscar e levar para as suas residências. E a respeito das enfermidades mais recorrentes ela enfatiza: “Cobreiro!<sup>2</sup> É o cobreiro... é a zípra. É muita gente né. É, o cobreiro mesmo... Tem vez que eles até ri que eu digo ‘não sei que tanta aranha morde vocês’. (risadas).” (JASMIM, 2016).

Jasmim relata que ao descobrir que teria como compromisso o ato de benzer buscou uma ajuda e/ou explicação sobre o que estava acontecendo com ela: “Mas já fui procurar né para ver se isso aí ia me prejudicar, ou tinha que está girando igual essas...” (JASMIM, 2016).

---

<sup>2</sup> Cobreiro: é uma infecção de pele causada por um vírus chamado Herpes Zoster. A região do corpo mais afetada pelo cobreiro é a boca.

Tanto as orações como o “dom” de benzer foram lhe apresentadas através de um sonho. Em sua fala acima podemos perceber elementos de religiosidade quando utiliza o termo “girar,” referindo-se as práticas da Umbanda, a qual o médium durante as suas incorporações tem como costume “girar”. Ao longo da entrevista podemos perceber essa relação.

Na entrevista ela menciona sua mãe que já trabalhava como benzedeira e ainda a sua irmã que é benzedeira e reside na cidade de Porto Alegre/SC. Sobre a sua irmã ela relata que: “Que essa é do Saravá mesmo.” (JASMIM, 2016). Pelo modo como ela descreve sobre a prática de sua irmã, podemos inferir que ela pertence a uma religião de matriz-afro. Ao contar mais sobre a sua irmã ela diz: “Uhum... Essa (a irmã) é das pesadas.” (JASMIM, 2016).

Podemos analisar que a mãe de Jasmim foi benzedeira, e que sua irmã também pratica esse ofício, mas que nem por isso ela começou a benzer devido as práticas da mãe, ou seja, não foi um dom adquirido de mãe para filha como tradicionalmente conhecemos. O “passar o dom” é uma das práticas das benzedeiros de dar continuidade a esse saber imaterial repassando os seus saberes e práticas para outra pessoa. Dessa forma, com essa benzedeira constatamos que isso não ocorreu.

Assim, não houve a troca de saberes de mãe para filha, pois como já mencionado Jasmim aprendeu a benzer devido ao sonho que teve. Portanto, temos aqui outra forma de se descobrir enquanto benzedeira, e não somente de se tornar por meio do “passar o dom”.

#### Segundo Elen Cristina Dias de Moura:

A transmissão feita por laços de parentesco é a mais comum. O dom é passado para algum membro da família (consanguíneo ou não) que apresente as características necessárias para a prática do ritual, como interesse, respeito e convivência com aquele que benze. Dessa maneira, a pessoa escolhida traz em si o conhecimento de cada passo do ritual, inclusive das palavras. Além disso, herda a reputação conquistada pelo antigo benzedeiro ou benzedeira. (MOURA, p. 45. 2008).

Nesse sentido, podemos verificar que geralmente o dom de saber benzer é repassado para algum familiar, raramente para algum conhecido sem vínculos. Analisando as benzedeiros entrevistadas, somente Jasmim relata não ter recebido o dom de alguém, e sim através de um sonho. Porém, o fato de sua mãe benzer pode ter sido uma forma de aprendizagem.

Moura também afirma que: “o dom também pode ser adquirido por meio de uma revelação, seja em sonho ou por uma visão espiritual.” (MOURA, p. 45. 2008). Assim, temos essas duas formas de possuir esse saber benzer, por meio de laços parentescos/conhecidos e/ou por sonhos e visões espirituais. Até o momento identificamos a forma tradicional de ter o *dom de benzer*, ou seja, de mãe para filha e a revelação por meio do sonho.

Contudo, com a última e mais nova das benzedeadas entrevistadas, Margarida de Criciúma/SC, de 34 anos e natural de Rio Grande do Norte, temos uma peculiaridade em relação ao saber benzer, e o seu “dom”. Pois Margarida é benzedeadora e também parteira. Como analisado no capítulo anterior, historicamente temos a presença de mulheres que desenvolveram as duas funções: benzedeadora e parteira.

Além disso, para Margarida o saber benzer não é, segundo ela, um Dom do qual uma pessoa é escolhida por ser “especial”. Para ela qualquer mulher poderia se tornar uma benzedeadora.

Margarida nos revela em entrevista, que a sua primeira benzedura aconteceu por volta de sete anos de idade, em que ela comenta que era muito nova, e não sabia exatamente o que estava praticando no momento, e nem o que seria o benzimento. Nesse dia ela estava acompanhada de sua avó paterna:

E a gente sempre veraneava numa tí... Numa Lagoa, no interior de Laguna assim e era uma vila bem humilde de pescadores. E uma amiga dela, esposa de pescador se machucou... Caiu. Fazendo alguma coisa no quintal, eu lembro que estava com o braço inchado, machucado... eu acho que eu não tinha uns sete anos assim... Era... é muito remoto. Uma lembrança bem remota. E a minha vó me pegando pela mão e me pedindo para eu ir lá massagear e benzer essa... Pescadora né... Eu lembro que a lembrança mais antiga que eu tenho assim da minha vó me levando: “ó vamos lá ela está precisando de ajuda o braço dela está doendo e tal”... Nossa... (MARGARIDA, 2016).

Nesse caso, Margarida nos mostra que teve um contato desde muito pequena com as diferentes práticas de benzimento. Sua avó paterna era espírita kardecista e tinha uma amiga que era mãe de santo, a mesma frequentava a casa de sua avó. Margarida nos conta que: “ela também tinha assim... frequentava um terreiro, tinha uma mãe de santo conselheira, que frequentava nossa casa, recebia algumas entidades lá em casa. Trabalhava muito com cura assim de energias e tal.” (MARGARIDA, 2016).

Assim, podemos perceber o envolvimento que Margarida sempre teve com diferentes manifestações religiosas presentes desde a sua infância, pois sua outra avó (materna), frequentava a Umbanda:

É uma miscelânea assim que daí minhas avós maternas e paternas... né espíritas... a minha outra avó materna mais do... da Umbanda... eu era adolescente ela me levou num centro de Umbanda lá no interior de ... assim é próximo de Porto Alegre lá na cidade que ela vive. Ai lá tinha a mãe de santo; a mãe de santo conversou comigo e... e falou muitas coisas, eu lembro que eu não era nem adolescente, e também falou tudo isso do meu Dom, que eu ia trabalhar muito com bebes, muito com crianças, com mulheres... na época ela já me falou aquilo né... (MARGARIDA, 2016).

Margarida desde muito nova começou a frequentar os terreiros da Umbanda, mas sempre teve o contato com o Espiritismo Kardecista devido ao seu núcleo familiar, e independente de religião, estava inserida em uma família com a religiosidade muito presente. Margarida hoje é enfermeira obstétrica, trabalhando alguns dias no ambiente hospitalar e em outros realizando partos humanizados. Durante o parto ela pratica seus benzimentos nas residências das pessoas que a contratam. Margarida relata sobre a sua formação profissional:

Eu sou enfermeira obstétrica. É... Antes de ser enfermeira eu já era massoterapeuta. Meu primeiro curso de formação assim foi massoterapia, depois eu fiz naturopatia. E aí incluiu fitoterapia... argiloterapia... A própria massoterapia também reforçou... aromaterapia. Depois fiz enfermagem aqui em Criciúma, tudo aqui em Criciúma, tudo aqui na UNESC. E obstetria depois e homeopatia né? Por último...

Podemos compreender que a Margaria possui um grande conhecimento e domínio das ervas através dos seus cursos e formação profissional, e pelo contato das religiões de suas avós. Margarida relata também que frequenta aldeias guarani, e que numa delas ela foi batizada, onde recebeu seu nome guarani. Ela conta: “Tinha... tenho uma amizade com as lideranças lá, que inclusive as lideranças mais espirituais, que tá muito relacionada também com a curandeira nas aldeias e tal”. (MARGARIDA, 2016).

A respeito da sua religiosidade Margarida explica:

Então eu nunca consegui me definir numa religião né, atualmente eu frequento a Umbanda, até tenho uma história bem bonita de como isso hoje se... a Umbanda ela me ajudou a dar nome ao que eu sei fazer... A dar forma, a entender como utilizar isso né... Foi através da Umbanda. Então atualmente eu frequento um terreiro de Umbanda, mas eu sou... Eu posso

dizer que a minha religião é oficial, digamos assim, que eu sou sócia, é a União do Vegetal<sup>3</sup>. Que é um centro espírita. (MARGARIDA, 2016).

Foi no terreiro de Umbanda que foi revelado durante um dos atendimentos que ela é filha de Oxóssi, o Orixá da caça e das florestas. A linha da Oxóssi na Umbanda engloba os caboclos, onde atuam os espíritos de índios, caboclos e etc, que são essas as entidades que lidam com as ervas e que tem esse conhecimento a respeito das curas medicinais.

Margarida não é médium da umbanda, e nem faz parte da mesma, ela frequenta apenas para assistir as giras e receber os atendimentos das entidades. Nesse terreiro de Umbanda foi revelado para Margarida que ela tem como guia espiritual um índio:

Me consultei com um preto velho, e na primeira vez que eu fui lá ele já fez muitas revelações, assim pra mim ele... O que ele me falou é que desde que eu estava na barriga da minha mãe uma entidade já se aproximou da minha mãe que é um índio, que é... Ele falou até que não é um índio aqui das matas do Brasil é um índio de florestas frias ele falou... Que ele visualizou que ele usava peles, que vivia numa caverna, daí falou o nome disso, o nome da feitiçaria dele... o nome...(MARGARIDA, 2016).

Essa revelação que foi feita a ela por meio de um Preto Velho, de que segundo a Umbanda ela é filha Oxóssi, o que coincide com essa entidade que a acompanha antes mesmo dela nascer, por ser esse o espírito de um índio.

Margarida nos conta que desde que sua mãe estava grávida dela, esse índio (espírito) se aproximou dela, pois já sabia que ela seria uma parteira. O índio que ela tem como seu guia espiritual foi, enquanto encarnado, um índio que realizava partos em sua comunidade:

Ele foi um índio que para a época dele e para a cultura dele, parteiras só eram as mulheres, parto era algo das mulheres, só que ele se sentia parteiro, ele tinha esse chamado, ele era parteiro. E a comunidade, a cultura dele é..... Como que eu posso dizer... teve um preconceito com ele, e não aceitaram esse dom dele, chegou até um ponto que ele foi expulso da comunidade dele, da aldeia dele, e ele se recolheu na floresta, foi morar numa caverna, e lá ele se tornou um curandeiro, lá da floresta, algumas pessoas que estavam transitando passavam lá pra... né.... Para se benzer.... Para receber algum remédio. E aí ele morreu assim, recolhido numa caverna, fazendo partos e ele está comigo e aí eu sinto muito sim a presença dele. (MARGARIDA, 2016).

---

<sup>3</sup> **União do Vegetal** é uma religião de fundamentação cristã e reencarnacionista que usa em seu ritual o Chá Hoasca (Ayahuasca).

Para Margarida todas as religiões se completam, ela diz não conseguir compreender a intolerância religiosa.

Então assim eu como eu já te falei né, teve momentos que eu encontrei na umbanda, teve momentos que eu encontrei na União do Vegetal, teve momentos que eu encontrei no kardecismo, eu vejo como uma reforça a outra, eu sinto como é possível a gente viver numa sociedade onde a religião ela é universal sabe.

E ainda, Margarida enfatiza que qualquer mulher pode ser uma benzedeira, diferente das outras benzedeadas entrevistadas, pois para ela, o saber benzer aconteceu como um despertar interior, que toda mulher pode ter:

Eu não acho assim que alguém é escolhido, eu acho que isso é necessário, eu acho que isso é um trabalho da espiritualidade, tem toda uma egrégora espiritual que tá aqui só por isso, mas eles precisam de canais pra essa comunicação entre o material e o imaterial, eu acho que não é que eles escolham pessoas especiais, porque isso é bem trabalhoso, eu acho que eles escolhem pessoas que tenham um pouco mais de conexão, ou uma espiritualidade, ou uma questão de coração mesmo, de aceitar e cumprir com esse papel assim... (MARGARIDA, 2016).

Ela ainda segue dizendo que “eu me sinto só como um canal né, que qualquer mulher poderia ser assim.” (MARGARIDA, 2016). Pois para ela, parte das benzeduras é o entendimento acerca das ervas e das plantas, ou seja:

Como eu sou homeopata eu sei o quanto as moléculas da água respondem as energias, as palavras, ao que a gente fala, ao fluído, ao pensamento da gente no momento influencia a molécula da água. E eu sei que parte de toda essa benzedura está só relacionada a isso assim... Nós somos feitos né, acho que chega a ser 80 a 90 % de água. Então as nossas moléculas vão responder, vão vibrar mais fino, vão vibrar numa energia mais de cura né?

Por ter esse conhecimento sobre as moléculas das águas, e de que elas respondem ao que é dito a Margarida em alguns benzimentos utiliza apenas palavras, que no caso seriam as palavras que ela acredita que a pessoa está precisando ouvir. Por isso a importância de benzimentos mais falados, pois as palavras exercem força ao serem pronunciadas no ato de benzer.

Ela nos diz: “às vezes é bem falado mesmo assim... são, né meu guia espiritual eu me conecto a ele. Peço que o guia espiritual da pessoa esteja ali também trabalhando com nós. Transmutando energia. Curando, sabe?” (MARGARIDA, 2016).

Margarida benze mulheres, bebês, crianças e também pratica as suas benzeduras nos partos, que ela denomina como sendo “mágico”:

São os meus guias espirituais, dela, do bebê, das outras parteiras, já vi coisas, eu não sou muito de ver, de ouvir, mas assim já visualizei muita coisa com parto. As visões mais impressionantes que eu tenho são relacionadas ao momento do parto. Já vi abobadas douradas em volta da mulher, já visualizei cenas do parto também. Teve uma até que é bem recente, que eu tive a visão de sangue, muito sangue no parto dela e depois ela teve uma hemorragia pós-parto.

Em relação às orações, ela utiliza geralmente a Ave-Maria e o Pai Nosso, afirmando que pede a intervenção de Maria principalmente nos partos. E comenta do mantra da chama violeta:

Eu uso.. é uma que ela é quase um mantra assim quando a gente repete que é: “Eu sou um ser de fogo violeta, eu sou a pureza que Deus deseja”. Que é da magia branca, que eu também estudei há muito tempo atrás, eu sei o poder da chama violeta, de transmutar energia né, é.... eu trabalho muito também assim. (MARGARIDA, 2016).

Margarida tem em seu quintal uma espiral de ervas e plantas, que ela mesma cultiva e que utiliza para realizar os seus benzimento fazendo também indicações para os banhos de ervas. Ela nos apresenta o seu quintal e explica:

Às vezes eu benzo com as ervas com o raminho fresco que eu pego do espiral, geralmente é o Alecrim. Por exemplo, banho, as coisas mais de mulher assim uso muito manjerição para os banhos, é uma erva muito curadora assim para o feminino, uso também o alecrim nos banhos, hortelã, arruda, guiné... alfazema, a própria calendula, aí faço as garrafadas de tintura mãe, tem uma erva que pego lá na praia, que pegou a raiz dela, que tem um cheiro de cânfora, ela é a cânfora, a arnica tem na beira da praia. (MARGARIDA, 2016).

Caminhando em seu quintal ela vai comentando sobre quais ervas têm, quais as ervas que ela tem que plantar, e ainda nos relata para o que e como ela utiliza:

O poejo ali as mulheres que estão com dificuldade na amamentação, então o bebe com muita cólica, o poejo ela pode tomar o chá, passa para o leite e ajuda na cólica do bebe através do leite. Ele também é um chá estimula as contrações para as mulheres que tiverem dificuldade em entrar em trabalho de parto. A gente pode usar o poejo a canela. Depois vou te mostrar a canela em pau que eu tenho. A hortelã-pimenta eu uso muito para chá, para banho. Super. digestiva para o estomago, ela é boa pra emoções, relações, ela é muito. Para as pessoas que seguram muito para si as coisas.

Em meio as suas variedades de ervas e plantas Margarida nos diz que algumas pessoas vão até sua casa pedir por uma erva para fazerem algum chá. Durante a conversa ela diz que algumas mulheres e umbandistas entram em contato com ela para saber se ela tem alguma erva ou planta em específico, fato esse que

nos mostra mais uma vez a relação que há entre as religiões, de trocas de experiências e informações. Margarida também faz garrafadas.

A cerca do “dom de benzer”, como podemos verificar, para a benzedeira Margarida toda mulher poderia se tornar uma benzedeira, contudo, para a Rosa por exemplo: “isto tudo já é de berço” (ROSA, 2016), para ela o dom vem como parte do cotidiano familiar que é adquirido através dos laços sanguíneos. A benzedeira Íris afirma que o indivíduo que benze já nasce com esse dom: “Eu acho que já nasce. Porque se quiser fazer que não tem dom, acho que não cura. Não dá muito certo.” (ÍRIS, 2016).

De acordo como cada benzedeira realiza o seu *saber benzer*, com suas orações, ervas, objetos de benzimento e religiosidade individual, podemos conhecer mais sobre suas práticas, pois no momento em que elas estão realizando um benzimento estamos diante de uma performance concretizada, que se torna visível para o público.

Nesse viés “a performance incorporada torna visível, assim, todo um espectro de atitudes e valores.” (TAYLOR, 2013, p. 87). Isso porque no momento do benzimento estamos sendo os espectadores de todo um ritual no qual cada benzedeira tem os seus valores religiosos e posicionamento individual.

Além das entrevistas pude participar dos rituais de benzimento contribuindo assim, para mais um arquivo sobre essa temática, pois tive a oportunidade de verificar “ao vivo”, o que Diana Taylor denomina por “atos incorporados”.

Dessa forma, presenciei suas performances individuais, seus objetos que auxiliam nos benzimentos, a influência de suas religiões no momento de benzer. Assim: “os atos incorporados e performatizados, geram, gravam e transmitem conhecimento.” (TAYLOR, 2013, p. 51).

Nesse sentido, é possível compreender as práticas de benzimentos analisadas como uma performance, que para Diana Taylor (2013, p. 55), essas práticas são armazenadas no corpo, por meio de vários métodos mnemônicos, e são transmitidos “ao vivo” no aqui e agora, para uma audiência real.

#### 4. CONCLUSÃO

Objetivamos com esse trabalho dar visibilidade as benzedeadas do extremo sul catarinense. Por meio da metodologia da história oral, buscamos analisar as práticas de cura desenvolvidas por quatro benzedeadas. Sendo duas de Criciúma/SC, uma de Balneário Gaivota/SC e outra de Araranguá/SC. Com isso, podemos dizer que esse objetivo foi alcançado, pois conseguimos entrevistar essas mulheres, sendo essas entrevistas a fonte principal para a realização desse trabalho. Para isso, foram analisadas as suas práticas de benzimentos individuais, suas rezas, objetos utilizados nos momentos de benzimentos, a religiosidade e o “dom” de benzer. Dessa forma, foi possível compreender as especificidades de cada benzedeadas no ofício de benzer, suas particularidades e suas semelhanças, além da visível influência da religião em seus benzimentos.

A pesquisa também buscou problematizar as narrativas em torno da figura da “bruxa” e da “benzedeadas” presente no estado de Santa Catarina. Essa análise foi importante para auxiliar na compreensão das práticas das benzedeadas mapeadas e entrevistadas. Assim, foi possível perceber como cada benzedeadas mantém essa tradição do *saber benzer*, que por sua vez, faz parte do Patrimônio Imaterial do País.

Portanto, com a leitura desse trabalho podemos verificar que a benzedeadas não possui um estereótipo, pois conseguimos averiguar que esses discursos foram construídos acerca dessas mulheres, e afirmar que, elas existem e se encontram de maneiras diferentes. A religião que permeia essas práticas não necessariamente é a católica, podemos ver a presença desses benzimentos presentes em religiões de matriz-afro, visto que essas práticas ainda hoje sofrem preconceito, sendo que elas sempre realizaram as benzedeadas de acordo com a sua religiosidade. Sendo assim, foi encontrado por meio desse trabalho um perfil múltiplo de benzedeadas.

Durante o processo de entrevistas com essas mulheres, muitas delas não aceitaram dar a entrevista, mas em conversas informais relataram sua experiência, práticas de cura, religiosidades. Foram muitas as conversas que não poderão ser registradas, mas podemos entender esse silêncio das benzedeadas como uma algo permeado de receios, medo, desconfiança, do preconceito. Em um caso, uma das benzedeadas não cedeu a entrevistas pois achou que eu era funcionária da

prefeitura, com isso fiquei refletindo, o quanto essa mulher já foi pressionada por esses órgãos. Mesmo com esses desafios no decorrer da pesquisa, vale a pena esse estudo, pois mostra que o sul catarinense tem essa cultura presente, fortalecendo assim essa valorização.

Pois como sabemos, a Grande Florianópolis tem fortemente essa presença na cidade, nos restaurantes (com bruxinhas de enfeite), no calçadão, nas praias e etc, a “Ilha da Magia”, como é conhecida se apropriou desses saberes para atrair as pessoas, para chamar a atenção para o turismo, tornando assim um lugar rodeado por misticismo, bruxas e benzedeiros.

O trabalho contribui para a valorização desse saber fazer mostrando a presença dessas mulheres tanto no estado, como no extremo sul catarinense. Durante a pesquisa um expressivo número de benzedeiros e benzedeiros foram sendo localizados. Nesse trabalho foi decidido fazer o recorte com quatro benzedeiros como já foi visto, porém, é muito importante ter o mapeamento dessas pessoas, por isso segue no apêndice uma tabela com o nome e cidade dos mesmos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M. **Franklin Cascaes, o mito vivo da Ilha (mito e magia na arte catarinense)**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

BOA NOVA JUNIOR, Francisco de Paula. **Problemas médicos–sociais da indústria carbonífera sul catarinense**. Boletim n 95. Rio de Janeiro: DNPM, 1953.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/gislacao/Decreto\\_n\\_3.551\\_de\\_04\\_de\\_agosto\\_de\\_2000.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/gislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf).

CALDAS, R. **A bruxóica magia da Ilha**. O Estado, Florianópolis, 7 ago. 1971, p. 20-21.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da História: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CASCAES, F. **As bruxas da Ilha**. Florianópolis, Arquivos da Biblioteca da UFSC, Seção de Folclore, [s/d.].

DELGADO, L. A. N. **História Oral e Narrativa: Tempo, memória e identidades**. Revista da Associação Brasileira de História Oral, n.6, p. 9-25, 2003.

DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997, 678 p.

FERREIRA, M. M. **História, tempo presente e história oral**. Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 1, n.5, p. 314-332, 2002.

FREITAS, Sônia M de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 142 p.

LEMONS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981. 115 p.

MALUF, Sônia. **Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MOURA, E. C. D. **Entre ramos e rezas: a tradição de benzeção em S. Luis de Paraitinga (1951-2007)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SABINO MARTINS M. **Rezas, Ervas e Búzios: Religiosidades e Práticas de cura na "Ilha da agia" Um exercício histórico no tempo presente**. 2009. 225 p. tese de mestrado – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis/SC.

TAYLOR, Diana. **"Performance e Patrimônio Cultural Intangível"** . Pós: Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.91-103, maio, 2008.

TAYLOR, Diana. **O Arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

WOLFF, Cristina Scheibe e Réchia, Karen C. **Mulheres de Santa Catarina: vidas de trabalho: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

### **Entrevista:**

ÍRIS. Entrevista concedida a Caroline Alves Pereira. Balneário Gaivota 06 de Jun. de 2016. Entrevista.

JASMIN. Entrevista concedida a Caroline Alves Pereira. Criciúma 01 de set. de 2016. Entrevista.

MARGARIDA. Entrevista concedida a Caroline Alves Pereira. Criciúma 27 de outubro. de 2016. Entrevista.

ROSA. Entrevista concedida a Caroline Alves Pereira. Araranguá 25 de Jun. de 2016. Entrevista.

## **APÊNDICE(S)**

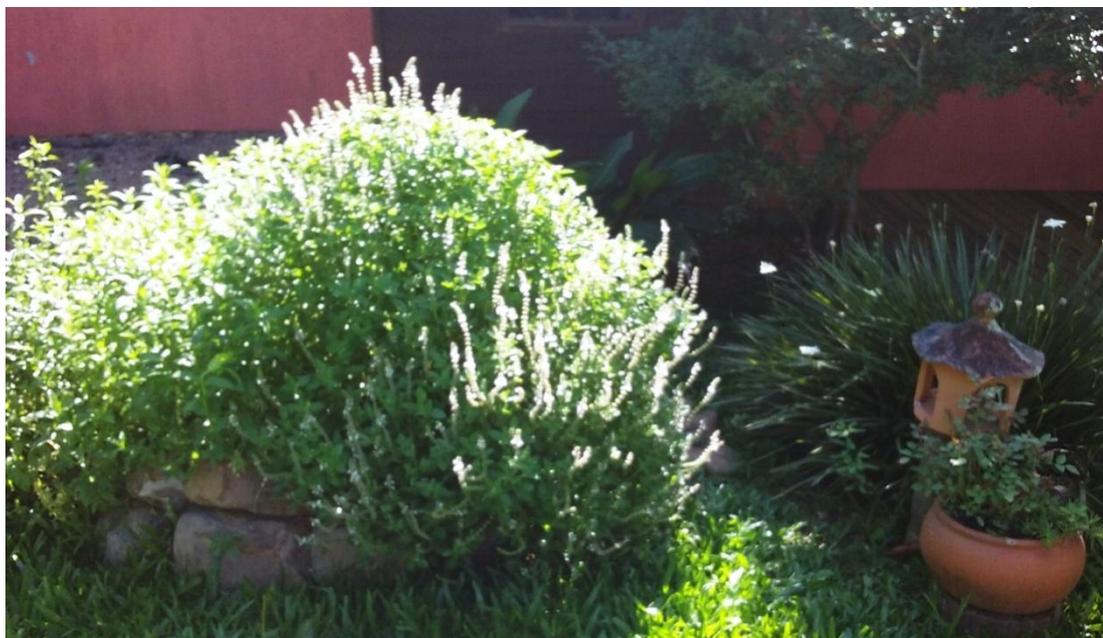
### APÊNDICE A – Tabela mapeamento das benzedeadas

Tabela com o mapeamento das benzedeadas e benzedeados que foram localizados por meio da pesquisa:

NOME	CIDADE
Rosa	Araranguá/SC
Jasmin	Criciúma/SC
Íris	Balneário Gaivota/SC
Margarida	Criciúma/SC
Alamanda	Sombrio/SC
Acácia	Araranguá/SC
Anis	Cocal do Sul/SC
Dália	Criciúma/SC
Flor-de-lis	Criciúma/SC
Camélia	Sombrio/SC
Violeta	Balneário Gaivota/SC
Hortênsia	Criciúma/SC
Flor de lis	Turvo/SC
Girassol	Araranguá/SC
Açucena	Sombrio/SC

Fonte: Elaborado pela acadêmica.

**ANEXO(S)**

**ANEXO A - Espiral de ervas/plantas da benzedeira Margarida.**

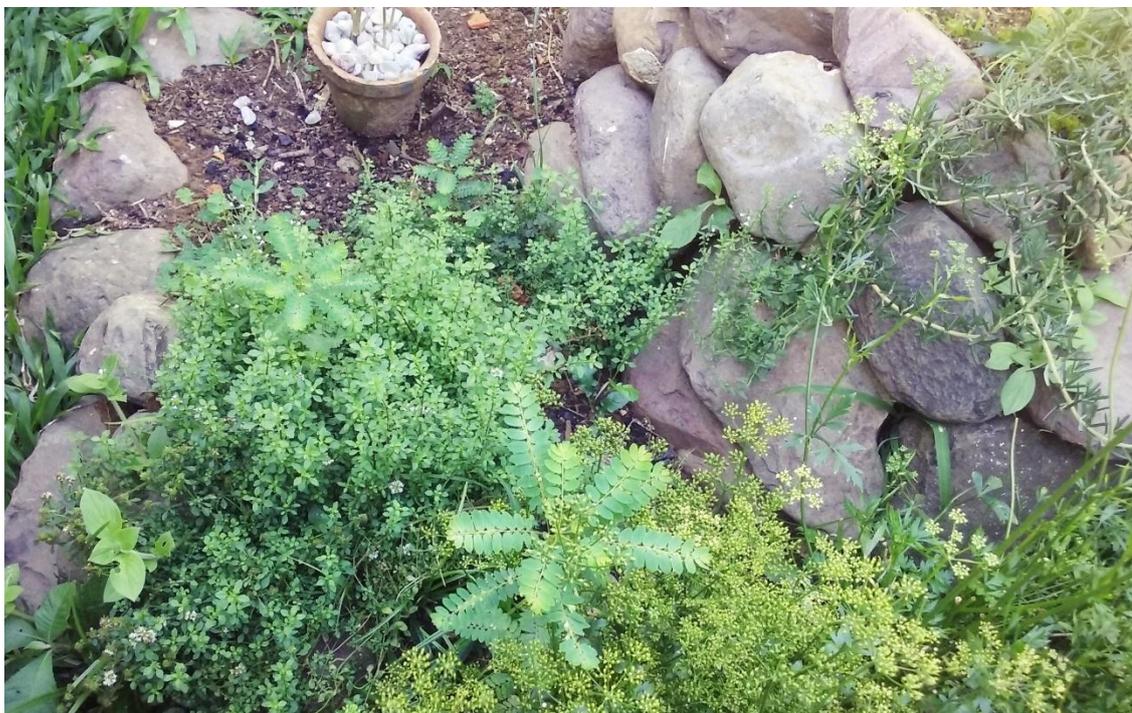
Fonte: Acervo pessoal da acadêmica.

## ANEXO B - Plantas e ervas de margarida no espiral.



Fonte: Acervo pessoal da acadêmica.

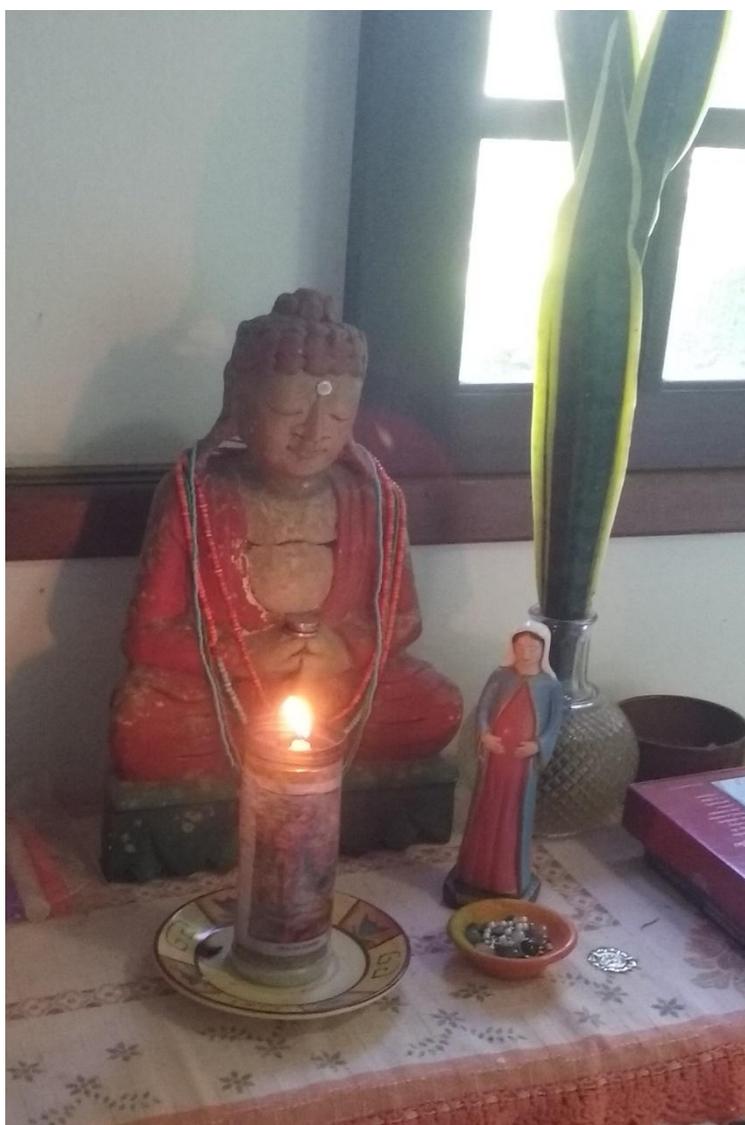
**ANEXO C - Ervas/plantas de margarida eum vasilho com arruda e cristais.**



Fonte: Acervo pessoal da acadêmica.

#### ANEXO D - Altar da benzedeira.

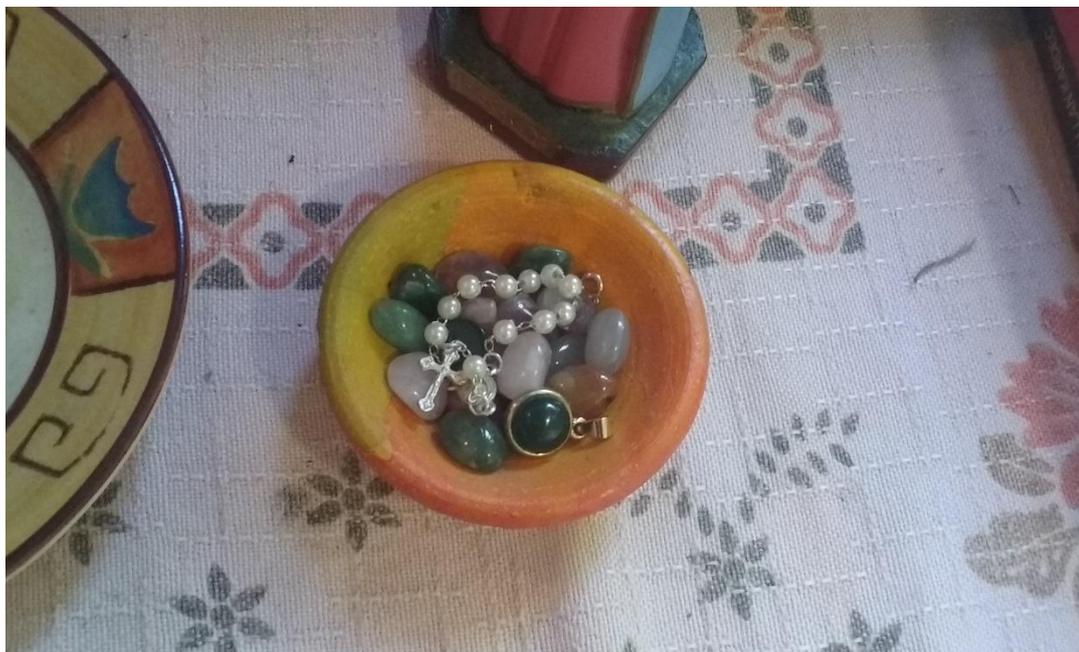
Na foto podemos verificar a parte direita, do altar da benzedeira Margarida. Um buda que em seu pescoço estão as guias que a benzedeira recebeu do terreiro que frequenta. Uma vela acesa. Uma espada de São Jorge, que é dedicado ao seu marido que por sua vez, é filho Ogum/São Jorge. E também, uma estátua de Maria grávida, devido ao seu ofício como parteira. Por último, um vasinho com pedras e o seu rosário, que ela só retira do altar para benzer, e que o mesmo foi cruzado (benzido) nos atendimentos no Terreiro.



Fonte: Acervo pessoal da acadêmica.

### ANEXO E - Rosário da benzedeira

Rosário da Benzedeira Margarida, cruzado (benzido) no Terreiro da Umbanda.



Fonte: Acervo pessoal da acadêmica.

**ANEXO F - Garrafadas da benzeadeira Margarida.**

Fonte: Acervo pessoal da acadêmica.

### ANEXO G - Altar de Margarida

Canto esquerdo do altar de Margarida, temos presente uma estátua de Cosme e Damião. Um presépio. Uma concha. Velas. E uma capelinha com referência a “Oxalá/Jesus Cristo”.



Fonte: Acervo pessoal da acadêmica.

**ANEXO H - Foto benzeadeira Rosa.**

Na foto está presente a benzeadeira Rosa.



Fonte: Acervo pessoal da acadêmica.